

## JOSÉ ALBANO — RIMAS (1)

---

MARIANO COELHO

Ao ensejo do 2.<sup>o</sup> aniversário da nossa agremiação, aceito foi, por mim, o compromisso de esboçar alguns comentários em torno da figura originalíssima de um poeta, bem pouco conhecido nos meios literários de língua portuguesa, malgrado o mérito incontestável da sua poesia.

Cearense, nascido no último quartel do século XIX (1882) e não atingindo o final do quartel primeiro deste, porque falecido em 1922, JOSÉ ALBANO, em apenas quarenta anos de trajetória terrena, amou e viveu ao seu modo; sedimentou uma cultura, especialmente lingüística; viajou demoradamente por quatro dos cinco continentes da Terra e, sem a preocupação de se promover e se divulgar, produziu uma obra poética notável, senão pelo seu volume quantitativo, pelo seu valor intrínseco, pela profundidade da sua inspiração que aflorou e imitou a genialidade.

Não somente na língua materna produziu os seus versos; mas, em diferentes idiomas vivos, nos quais sabia se expressar ou falar corretamente, além de alguns dialetos europeus, salientando-se, ainda, o seu profundo conhecimento do latim e do grego.

Seus biógrafos, conquanto proclamem e enfatizem os seus levantados méritos, apontam-no como excêntrico, — desajustado no tempo e no espaço.

Vivendo quase quatro séculos depois do genial LUÍS DE CAMÕES, assimilou-lhe o estilo e a forma, a ponto de sugerir a AGRI-PINO GRIECO apelidar-lhe o poemeto *Alegoria* como o último canto do *Lusiadas*.

Foi um purista da língua portuguesa, rivalizando ou mesmo excedendo o mais zeloso lusitano de todas as épocas. E, assim, foi que escreveu em sua ODE A LINGUA PORTUGUESA:

---

“Sempre e sempre te eu veja meiga e pura”  
“naquela singeleza primitiva”  
“naquela verdadeira formosura”  
“que farei que no verso meu reviva.”

A propósito, ainda, de *Alegoria*, — “último canto dos Lusíadas”, JOÃO RIBEIRO, conquanto “seu amigo e grande admirador”, como salientou MANUEL BANDEIRA no seu prefácio à edição PONGETTI, 1948, JOÃO RIBEIRO, — repito, — considerou o poema um pasticho do imortal poema épico camoniano. Pena que o cearense ilustre não pudesse, porque falecido, revidar, como fizera certa vez, na Livraria Garnier, ao renomado gramático, com surpresa para o venerando e imortal poeta pernambucano: — “Não diga asneiras, João Ribeiro. Não diga asneiras”.

Com acerto bem maior, talvez, repetiria essa expressão autorizada pela recíproca estima, quando, um ano depois de sua morte, em artigo publicado na *Revista Nacional*, São Paulo, julho de 1923, o velho gramático expendeu o injusto e absurdo julgamento.

Lamentavelmente, viveu bem pouco o poeta impressionante e bizarro. Menos lamentável para ele, talvez, porque a excentricidade que lhe atribuíam, sendo um fator precípuo de inadaptação ao meio, não lhe consentiria degustar a vida com o espírito de tolerância, de compreensão e humor, — apanágio de uma existência feliz nas conflitantes condições ecológicas de todas as épocas e latitudes.

Purista da língua, conquanto poliglota dos mais eminentes, quanto deveria padecer nos tempos atuais de desabusada licenciabilidade gramatical que nem todos compreendem como uma contingência inelutável da evolução em todos os seus aspectos.

O fenômeno saiu do terreno humorístico da *Gramática Portuguesa Pelo Método Confuso* de MENDES FRADIQUE, para o cenário empolgante da literatura moderna, autorizada pela chancela dos mais prestigiosos escritores contemporâneos. *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, recente livro de LUÍS CARLOS LESSA é um testemunho e um registo eloqüente do processamento de uma evolução literária consentânea, lógica e natural, como a própria evolução da moda indumentária.

Hoje, uma ortografia etimológica que exibida fosse, produziria o mesmo efeito cômico de uma indumentária do século XVIII em face da moda atual. Imagine-se o confronto de um indivíduo de *croisé* e monóculo com um *play-boy* de *slack* e bermuda; de uma *demoiselle* de espartilho e anquinhas, com um broto de minissaia, com ou sem meioses. . .

Como padecem os “quadrados” nos dias que correm. . .

Porque esta obstinação, este remar contra a maré, essa teimosia pelas velharias passadas, — se, mesmo envelhecidos pelas marcas do tempo, tivemos a fortuna da longevidade que nos proporcionou viver, com os jovens de hoje, uma época distanciada do nosso nascimento e, através dos jovens, gozar a mesma alegria de continuar vivendo?!

As obras de arte não perecem. Muito ao contrário, adquirem inestimável valor através do tempo e se catalogam como preciosidades.

A Poesia, obra de arte intelectual, não poderia fugir ao determinismo histórico da humanidade, marcando as etapas da sua caminhada incessante.

A genialidade e a proficiência criam escolas e fazem proselitismo. Filiar-se a uma escola, como adotar diretrizes, não quer dizer decalque automático ou imitação passiva.

Estilo é compleição literária e não pode ser tomado como *individual dactiloscópica* mental de qualquer escritor.

JOSÉ ALBANO não plagiou CAMÕES. Assimilou-lhe, em parte, o estilo épico, dando uma feição de originalidade que se não pode confundir com decalque ou plágio. E, digo em parte apenas, porque as *RIMAS* do cearense não se restringiram ao mencionado estilo, senão, mais precisamente, a um lirismo palpitante de sensibilidade. Não foi ele, tipicamente, um trovador; mas, escreveu também quadras gostosíssimas, como as que me permitirei, em seguida, declamar. Mais ainda, tomei por motes os 3os. e 4os. versos de suas trovas e perpetrei a leviandade de glosá-los. Declamarei, concomitantemente, trovas, motes e glosas:

## I

“Já quis tentar formas novas”  
“foi mais ou menos em vão:”  
“hoje, nestas velhas trovas”,  
“falará meu coração”.

Mote:

Hoje, nestas velhas trovas,  
falará meu coração.

Glosa:

Vencidas as duras provas  
por que na vida hei passado,  
me sinto reconfortado,  
hoje, nestas velhas trovas.  
Se a esperança me renova,  
acendendo-me a ilusão  
de por termo à provação  
que me segue toda a vida,  
numa alegria incontida,  
falará meu coração.

— — —

## II

“Tudo que sinto e padeço”  
“posso descrever assim:”  
“o prazer não tem começo”  
“e a tristeza não tem fim.”

Mote:

O prazer não tem começo  
e a tristeza não tem fim.

Glosa:

Vendo a vida pelo avesso,  
por pessimismo, talvez;  
se desprezo a minha vez,  
o prazer não tem começo.  
Se errado é sempre o endereço  
de tudo que vem p'ra mim,  
só posso viver assim,  
me supondo abandonado,  
na amargura mergulhado. . .  
E a tristeza não tem fim

— — —

## III

“Trago há muito no sentido”  
“de que vem maior cuidado?”  
“Será dum bem já perdido”  
“ou dum bem nunca alcançado?”

Mote:

Será dum bem já perdido  
ou dum bem nunca alcançado.

Glosa:

Quem diz haver padecido  
dias e noites a fio  
e o coração traz vazio,  
será de um bem já perdido.  
Quem, porém, sempre há vivido  
do vasto mundo isolado,  
sendo em tudo malgrado,  
— sofre da angústia incontida  
de nada aspirar na vida  
ou dum bem nunca alcançado.

— — —

#### IV

“Dá-me essa voz tão amena”  
“para cantar este enlevo”,  
“ave que me deste a pena”  
“com que os meus versos escrevo”

Mote:

Ave que me deste a pena  
com que os meus versos escrevo.

Glosa:

Mesmo singela e pequena,  
esta doação te agradeço;  
recebo-a com muito apreço,  
ave que me deste a pena.  
Tu, pela amplidão serena,  
esvoaças em terno enlevo;  
chumbado à terra, me atrevo  
a imitar o teu destino,  
co’o estilete pequenino  
com que os meus versos escrevo.

— — —

#### V

“Tudo já me persuade”  
“que a ti me não hei de opor”!  
“longe matas de saudade”  
“e perto matas de amor”.

Mote:

Longe matas de saudade  
e perto matas de amor.

Glosa:

A tristeza que me invade  
e que minh'alma tortura,  
quando partes, me amargura:  
— longe matas de saudade.

Que teu coração se apiade  
e não negues o favor  
de me matar ao calor  
dos teus beijos em cascatas;  
pois, longe, de dor me matas  
e, perto, matas de amor.

— — —

## VI

“Anda a violeta chorosa”  
“e a rosa alegre e faceta”,  
“só porque eu te chamei rosa”  
“e não te chamei violeta”.

Mote:

Só porque eu te chamei rosa  
e não te chamei violeta.

Glosa:

Fica outra flor desairosa,  
enciumada, descontente;  
isso acontece, é evidente,  
só porque eu te chamei rosa.  
Uma violeta chorosa,  
(outrora jovial, faceta)  
chamou-me até de “espoleta”,  
adulador, — que mais sei? . . .

Porque rosa te chamei  
e não te chamei violeta.

— — —

## VII

“As estrelas no alto abrigo”  
“mais alegres, fico a vê-las”  
“todas as vezes que digo”  
“que os teus olhos são estrelas”

Mote:

Todas as vezes que digo  
que os teus olhos são estrelas.

Glosa:

Dominar já não consigo  
o anseio que me consome,  
suscitado por teu nome,  
todas as vezes que digo.  
Quisera guardar comigo,  
com receio de perdê-las,  
jóias que há mister contê-las  
no escrínio do coração;  
pois, afirmo com emoção  
que os teus olhos são estrelas.

### VIII

“Das flores mais preciosas”  
“o doce molho é composto:”  
“não trago jasmins nem rosas”  
“porque já os tens no rosto”.

Mote:

Não trago jasmins nem rosas  
porque já os tens no rosto.

Glosa:

Entre as flores olorosas  
que hoje me propus colher,  
para vir te oferecer,  
não trago jasmins nem rosas.  
Até considero ociosas  
as razões, pelo suposto  
de que, mesmo a contragosto,  
os espécimes em apreço  
não trago nem ofereço  
porque já os tens no rosto.

### IX

“Quanto é forte o meu desejo”  
“nesta afeição insensata:”  
“morro porque te não vejo”  
“e sei que ver-te me mata”.

Mote:

Morro porque te não vejo  
e sei que ver-te me mata.

Glosa:

Jamais desperdiço o ensejo  
de avistar-te a todo instante,  
porque é certeza flagrante:  
— morro porque te não vejo.

Os prós e os contras cotejo  
desta ansiedade insensata:  
tua ausência me maltrata  
e a presença me fulmina.  
Quero ver-te, — é minha sina;  
e sei que ver-te me mata.

## X

“A pensar me às vezes ponho”  
“e não posso compreender”  
“porque sempre acaba o sonho”  
“quando começa o prazer”.

Mote:

Porque sempre acaba o sonho  
quando começa o prazer.

Glosa:

Bastas vezes me proponho  
um sono sem terminar,  
abolindo o despertar  
porque sempre acaba o sonho.  
O pesadelo medonho  
nunca de vera ocorrer.  
O sonho há de sempre ser  
um bem do maior apreço  
e tem sempre o seu começo  
quando começa o prazer.

## XI

“Guardo penas inimigas”  
“nestas cantigas amenas”  
“e, quando canto as cantigas”,  
“o coração sente as penas”.



Mote:

E, quando canto as cantigas,  
o coração sente as penas.

Glosa:

Revejo as coisas antigas  
e me confesso enlevado,  
quando relembro o passado  
e quando canto as cantigas  
das lembranças tão amigas  
daquelas quadras serenas;  
lembranças calmas e amenas  
do tempo da mocidade  
que, ao lembrar, da saudade  
o coração sente as penas.

## XII

“Há no coração sombrio”  
“um eco brando e sonoro”  
“que adormece quando rio”  
“e desperta quando choro”.

Mote:

Que adormece quando rio  
e desperta quando choro.

Glosa:

Quando escuto o balucio  
peculiar a uma criança,  
sinto a fagueira lembrança  
que adormece quando rio.  
Adormece co’o cicio  
da saudade que deploro  
porque algo, então, rememoro  
da quadra melhor da vida  
que eu julgava adormecida  
e desperta quando choro.

## XIII

“Disto enfim já não duvido”,  
“no mundo o maior cuidado”  
“vem do bem que foi perdido”  
“antes de ser alcançado”.

Mote:

Vem do bem que foi perdido  
antes de ser alcançado.

Glosa:

Toda mágoa que hei sentido  
que traz minh'alma angustiada,  
nesta vida amargurada,  
vem do bem que foi perdido.  
Meu desejo mais querido,  
pelo qual hei sempre ansiado,  
foi um sonho malogrado  
ou um desejo-quimera:  
e, morrer eu bem quisera,  
antes de ser alcançado.

#### XIV

“Ó coração, quando choras”,  
“bates com arquejos lentos”,  
“marca o tempo, não por horas”,  
“mas, sim, por meus sofrimentos”.

Mote:

Marca o tempo, não por horas,  
mas, sim, por meus sofrimentos.

Glosa:

Meu coração, — onde moras,  
como em castelo encantado, —  
regista o tempo, passado;  
marca o tempo, não por horas.  
E, no compasso apressado,  
de contínuos batimentos,  
assinala os meus tormentos  
e as emoções mais sentidas,  
não, por horas decorridas,  
mas, sim, por meus sofrimentos.

Estes, — Exmas. Snras., Meus Snrs. e meus prezados companheiros da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, — os comentários despreziosos que tracei, em torno da inconfundível personalidade de JOSÉ ALBANO, o inspirado poeta cearense que enriqueceu, com sua poesia, a literatura luso-brasileira, senão com opulência quantitativa, pelo menos com a qualidade primorosa dos seus versos.

## VEJO

CELI MELO GIRÃO

Eu vejo os pássaros cantando  
anunciando o dia  
O sol brilhando  
rosas começando a crescer  
Vejo estrelas brilharem no céu  
a água molhando a terra  
as plantas se balançando  
Vejo homens trabalhando  
rios correndo sem fim  
Vejo as ondas, as pedras  
montanhas ditando a paz  
Vejo a luz clareando as trevas  
as nuvens da cor do pranto  
Vejo a noite  
Vejo o dia  
Vejo o amor e o coração  
Vejo a tristeza nos olhos das crianças  
Vejo o desespero, a alegria  
a saudade que mata a gente  
Vejo o amor, a guerra  
as crianças chorando sem abrigo  
olhares que se cruzam  
discussão entre marido e mulher, entre pai e filho  
Vejo as velhinhas cansadas no trabalho  
meninos brincando, os homens sonhando  
Vejo o lago que seca por falta d'água  
Vejo o nascimento, o batismo, a comunhão  
Vejo o casamento, os filhos, as bodas  
as festas  
e a morte  
enfim tudo e em tudo  
vejo DEUS.

## POEMA DE EXALTAÇÃO

(A Manoel Albano Amora)

OTACÍLIO DE AZEVEDO

Príncipe varonil da língua portuguesa  
e artífice genial do verso camoniano,  
de soberba cultura e de invulgar nobreza,  
entre glórias floriu José d'Abreu Albano.

Ninguém melhor do que ele o vernáculo idioma  
soube tão bem polir com tanta perfeição:  
o seu verso era a flor onde a pureza e o aroma  
num tálamo de luz tinham doce expressão...

Ainda o vejo sentado, a sós, no Café Riche,  
de monóculo ao olho, e um grosso livro à mão;  
barbas negras, tais quais se fossem de azeviche,  
que garbo singular, de chamar a atenção!

Grande Mestre, aos teus pés a minha alma se ajoelha,  
numa recordação de carinho e amizade;  
da colmeia do amor foste a aurífera abelha  
cujo mel purifica, ainda hoje, esta saudade...

Eras grande demais para o Ceará, por isto  
morreste em terra estranha, e de fel e vinagre  
rubra esponja sorveste à maneira de Cristo  
sendo teu verso o pão do espírito, o milagre...

Feliz de quem, como eu, soube, amando a poesia,  
te conhecer e ouvir-te, ó grandiloquo poeta,  
e embriagar-se do som que os teus versos ungia  
na música de um Deus que outro Deus interpreta...

Quantas vezes, a ouvir-te um soneto perfeito,  
cheio de estranho gozo e ardentes emoções,  
não tentei me ajoelhar, ó peregrino eleito,  
qual se ouvisse, não tu, mas o próprio Camões!

Recebe, pois, de longe, onde quer que ora estejas,  
na extrema-unção de um beijo espiritual e forte,  
o abraço fraternal que ainda agora me ensejas  
e atravessa o infinito e é bem maior que a morte!...

## O SOLAR DOS THEOPHILOS

Ao General Tácito Theophilo Gaspar de  
Oliveira

CARLYLE MARTINS

A Rua General Sampaio, em Fortaleza,  
Há um vetusto solar de encanto e majestade,  
Cujos velhos portões, com sombras de tristeza,  
Lembram coisas de outrora, em vozes de saudade.

Avisto prole augusta e de imortal nobreza:  
Vendo Dona Milica, a imagem da bondade  
E, em movimentação de força e de inteireza,  
José, Manoel e Antônio, — a radiosa irmandade.

Passam Dona Beatriz e Dona Evangelina,  
Dona Alice Teixeira e Maria Júlia ao lado,  
No silêncio sem fim de tarde que declina.

Contemplo o casarão por outros habitado,  
Sempre soberbo e heril, com brilho que fascina  
Ou como sentinela, a olhar para o passado.

## BALADA DOS SETENTA ANOS DE BRAGA MONTENEGRO

FRANCISCO CARVALHO

A casa do avô o vento levou.  
Levou os alpendres e as portas azuis  
Levou os armários de jacarandá.  
Levou a cisterna de estrelas potáveis  
Levou a abastança, a infância e a faiança.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou as aldravas de ferro fundido  
Levou as comptas boiando em cristal.  
Levou sete léguas de pendões de milho  
Levou os cavalos e as crinas das éguas.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou as ovelhas de lombos pacíficos  
Levou os novilhos no tempo do cio.  
Levou as papoulas de arame das cercas  
Levou o espantalho de vento e morim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou o espartilho e o enigma dos quartos  
Levou os retratos de rugas feudais.  
Levou a espingarda e uma rosa de pólvora  
na gola de cal do póstumo arlequim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou os arreios de couro e metal  
Levou os cercados e os verdes hectares  
Levou latifúndios de cana caiana  
e as louras pastagens de vento e capim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou as manhãs de acalanto e gengibre  
Levou a escritura passada em cartório  
Levou a memória das ceias de páscoa  
e o cheiro de incenso da reza em latim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou as gavetas de cedro da cômoda  
Levou as cambraias e os brincos das moças  
Seus rubros perfis de fulgor de agrião  
e os longos cabelos de negro cetim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou o cheiro de alfazema dos partos  
e o canto das rãs nas frinchas da aurora.  
Levou essa linfa da fala dos mortos  
que escorre dos gonzos como de um clarim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou os desejos e a caixa de música  
Levou o oratório de espanto e imburana  
Levou a nudez boiando nos rios  
e os noivos vestidos com roupas de brim.  
E agora, Joaquim?

A casa do avô o vento levou.  
Levou a imponência das vigas de cedro  
Levou as pilastras de pedra ancestral.  
Levou até mesmo a face da morta  
boiando nas águas da noite sem fim.  
E agora, Joaquim?

## LOPES

JOSÉ VALDIVINO

Eu sou Lopes, também. Por minhas veias  
corre sangue de Lopes português,  
sangue agressivo, quente, belicoso!  
Não foi um Lopes quem matou Inês?...

Esse Lopes está dentro de mim,  
tão sereno, tão bom, que não o sinto...  
Mas venha uma causa — e ele explode vivo,  
e é guerreiro, é senhor, espadachim!

Acalma-te, Lopes. Reza e medita.  
É bem melhor ser manso e perdoar,  
que ser hostil, valente ou iracundo.

Abranda o gênio e dobra esta cerviz.  
Viveremos em paz, no amor de Deus,  
Quero ser justo para ser feliz.



## HINO DE MARANGUAPE

Letra e música de  
Ofélia Ma. Gomes de Matos Mota

### I

Maranguab, da tribo Potiguara.  
Entre serras e vales verdejantes,  
Um aldeamento ergueste nesta terra  
A riba d'águas claras, murmurantes.

### II

Maranguab, ó “sabedor da guerra”!  
Nome excelso que o povo perpetua  
Num assomo de amor a esta terra  
Que em nosso seio perenemente estua.

### III

Em fins do século, um fato se alevanta  
Nesta Pátria do grande Capistrano:  
Foste brava na luta escravagista  
A igualdade a buscar do ser humano.

### IV

Enquanto dormem teus heróis d'outrora,  
De ti emerge raça reluzente,  
Amando livros, paz e liberdade,  
Os prodígios do nosso Continente.

### V

Amor à arte, à industrialização,  
És o progresso, esplêndido e viril!  
Inspirador de artistas e poetas  
Vocações à serviço do Brasil!

### CORO

Maranguape! Maranguape!  
Do Brasil nobre parcela,  
De ti se ufanam teus filhos,  
No amor, na paz, na procela.